

PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA COMO PRÁTICA DE INOVAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO EDUCACIONAL MARISTA LÚCIA MAYVORNE

Marcia Maria Gil Ramos (UNISUL) - marciagil10@hotmail.com

Andreia Aparecida Aparecida Pandolfi dos Santos (UNISUL) - andripandolfi@yahoo.com.br

Nei Antonio Nunes (UNISUL) - neinunes@bol.com.br

Jacir Leonir Casagrande (UNISUL) - jacir.unisul@gmail.com

Louise Corseuil (Unisul) - louiseorseuil@hotmail.com

Resumo:

O objetivo deste artigo consiste em analisar as ações comunitárias articuladas ao projeto educacional do Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne. O quadro teórico foi construído a partir de revisão bibliográfica com breve caracterização da noção comunidade e definições de inovações sociais. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, cujo meio de investigação é o estudo de caso, o que possibilitou investigar: a interação e o grau de inovação social viabilizado pela participação da comunidade no projeto educacional. Com relação aos resultados do estudo, as evidências encontradas indicam que há significativa aderência da prática comunitária desenvolvida no projeto social com a inovação social, pois através da ação comunitária criam-se condições para o fomento da emancipação individual e coletiva subsidiada pelo projeto educacional-social.

Palavras-chave: *Comunidade, inovação social, centro educacional Marista Lucia Mayvorne.*

Área temática: *GT-14 Estudos Organizacionais no Contexto do Terceiro Setor*

1 INTRODUÇÃO

A relação entre a inovação e a busca por vantagens competitivas não é recente. As profundas transformações políticas e econômicas ao longo do século passado indicaram que a inovação tecnológica teve seu desenvolvimento vinculado aos interesses e demandas do mercado. A teoria de Joseph Schumpeter (1883-1950) marcou decisivamente o constructo teórico da inovação concorrencial mostrando, dentre outras coisas, que um “gênio inovador” pode, por meio da geração e/ou transformação de artefatos, processos etc, contribuir tanto para a superação de momentos de “crise” quanto para emergência de novos ciclos de prosperidade econômica. Todavia, o aumento paulatino da pobreza e miserabilidade em escala mundial, fez com que grupos sociais, organizações diversas da sociedade civil e até instituições se mobilizassem com a intensão de propor alternativas a problemas como a fome, a desnutrição e o analfabetismo. Todos estes, é possível dizer, subprodutos da exclusão e desigualdade econômico-social e política.

Diversamente de alternativas equivocadas e malogradas (de origem assistencialista e/ou demagógica) surgem nas últimas décadas projetos e ações sociais que visam gerar inclusão, empoderamento e, assim, emancipação dos estratos menos favorecidos da sociedade. Por sua criatividade e caráter inclusivo e transformador, muitas destas iniciativas têm sido identificadas como práticas de inovação social. Percebe-se, portanto, que estas ações inovadoras distinguem-se da inovação tecnológica desenvolvida, quase exclusivamente, para garantir vantagens competitivas da esfera do mercado. Como destacam Mulgan et al (2008), o alvo das inovações sociais diferencia-se dos propósitos da inovação tecnológica e empresarial que objetivam, sobretudo, a obtenção do lucro no âmbito do mercado, sem oferecer soluções reais para os problemas ou necessidades sociais mais prementes. Segundo Bignetti (2011), ante as grandes carências sociais hoje vivenciadas, a inovação social surge como uma das formas de se buscar alternativas viáveis para o futuro da sociedade humana. Em linhas gerais, o autor dirá que a inovação social é o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral.

Historicamente, fenômenos como a pobreza e a exclusão social nem sempre ganharam a devida atenção por parte dos Estados, das sociedades civis, como também das instituições de pesquisa. Por vezes, foram tratados de forma superficial ou negligenciados pois não eram percebidos como problemas com expressiva relevância político-social ou mesmo científica. Importantes relatos de atores sociais que trabalham em comunidades carentes ratificam estas inferências. Diametralmente oposto ao tratamento simplista e até preconceituoso dado a fenômenos sociais dessa ordem, pesquisas atuais apontam para a complexidade e o valor, em termos epistemológicos, das problemáticas sociais. Explicando concepções de Agamben, Nunes (2007) menciona o aparente paradoxo revelador de que certas práticas institucionais, legitimadas no argumento de que suas ações “incluem socialmente”, na verdade incluem para melhor excluir. Dito de outro modo, ele é revelador de que há práticas de inclusão (operadas pelo Estado, por instituições diversas e por empresas) geradoras de processos insidiosos de exclusão social. Este paradoxo (e também suas implicações) podem ser vistos como exemplos da complexidade e valor científico e social de problemáticas que afetam diretamente os estratos mais pobres da sociedade. A lógica perversa que subsidia estes processos de exclusão não se coaduna aos projetos que inovam socialmente. Até porque, no lugar da perpetuação da exclusão, as ações de inovação social visam promover estados emancipatórios de indivíduos, grupos e comunidades que vivem em condições de vulnerabilidade econômico-social.

O presente artigo, que caracteriza-se como pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvida como um estudo de caso, procura explicitar a investigação realizada no Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne (CEMLM), localizado na Comunidade do Monte Serrat. Este espaço educacional atende a aproximadamente 550 (quinhentas e

cinquenta) crianças e adolescentes carentes, moradores do Maciço e do Morro da Cruz (Florianópolis/SC) – região marcada por vários desafios sociais. Dentre estes, constata-se a forte presença do narcotráfico, gerador violência, inseguranças diversas e, assim, de grande instabilidade na comunidade. O centro educacional tem como foco promover uma educação pautada na participação ativa da comunidade, que é condição para emancipação de indivíduos e coletividade. A prática educacional é considerada, desse modo, como “articuladora de diferentes dimensões da vida social como constitutivas de novas formas de sociabilidade humana, nas quais o acesso aos direitos sociais é determinante” (CENTRO EDUCACIONAL MARISTA LUCIA DO LIVRAMENTO, 2014).

Em face do exposto, este estudo tem como questão orientadora inquirir se a prática comunitária no Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne se constitui numa ação de inovação social.

Assim, o objetivo geral do estudo consiste em analisar a ação comunitária no Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne visando analisar se esta pode ser identificada como prática de inovação social. Na intenção de subsidiar sua consecução, são propostos os seguintes objetivos específicos: a) verificar as práticas comunitárias desenvolvidas pelo CEMLM ;b) analisar a interação da comunidade com o projeto; c) analisar as interfaces existentes entre prática educacional e o constructo da inovação social – serão escrutinadas categorias teóricas como inovação social e comunidade; d) identificar os limites e possibilidades potenciais do CEMLM.

A realização da pesquisa justificou-se, primeiro, pelo valor social e científico das experiências comunitárias que contribuem para inovar socialmente e, segundo, pela importância regional de iniciativas promovidas pelas Organizações da Sociedade Civil como as ações realizadas pelo Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne.

Esse artigo foi organizado da seguinte forma: no primeiro tópico, breve introdução já apresentada; no segundo, é explicitado o referencial teórico visando subsidiar a análise de dados e resultados; no terceiro, são definidos os procedimentos metodológicos aplicados no estudo; no quarto, é efetuada a análise dos resultados; no quinto e último, são apresentadas as considerações finais do estudo.

2. BREVE CARACTERIZAÇÃO DA NOÇÃO COMUNIDADE

A abordagem sobre comunidade tem sido expressa de muitas maneiras, desde indagações sobre os perigos de se legitimar formas de associação humana em cenários totalitários ou de extremo pragmatismo, tão característicos do século passado, até o questionamento sobre a qualidade dos vínculos sociais na atualidade. Muitos foram os pensadores a se debruçarem sobre o conceito “comunidade”, pode-se, a título de exemplo, citar alguns clássicos como Ferdinand Tönnies (1973, 1995), Max Weber (1973), Robert A. Nisbet (1953), Martin Buber (1987), Talcott Parsons (1969), além de contribuições mais recentes, como Jean-Luc Nancy, Zygmunt Bauman, Gianni Vattimo e Roberto Esposito.

No escrutínio da comunidade como categoria de investigação epistemológica, Jean-Luc Nancy (1986) e Roberto Espósito (2007) – cada um a seu modo – propuseram interrogações radicais a respeito do “ser-em-comum” e de sua pluralidade constitutiva. A desconfiança dos dois teóricos em relação à concepção da comunidade calcada em essencialismos universalizantes, que engessam práticas subjetivas e coletivas, serviu também para pôr em relevo o seu caráter relacional consolidado num variegado de experiências contemporâneas. Aliás, compreende-la como um “nada-em-comum” (Nancy, 1986) ou uma “forma sem substância”, desloca a comunidade dos usos instrumentais operados seja pela política, seja pelo mercado. Isso permite, potencialmente, processos transformadores pelos quais a experiência comunitária pode constituir-se como um desdobrar-se em si (e para si), um acontecer em seu desenrolar próprio, sem estar condicionada (em termos absolutos) aos

determinismos ideológicos e/ou econômicos. A comunidade, nesse sentido, deixa de ser algo ontologicamente estável, como uma substância, e passa a coexistir nos acontecimentos e eventos diversos. Esposito, cabe enfatizar, oferece uma síntese instigante na qual postula que “a comunidade não é o *entre* do ser, mas o ser como *entre*: não uma relação que modela o ser, mas o próprio ser como relação” (ESPOSITO, 2007, p. 19). Segundo o autor, *Communitas* é a palavra latina para designar comunidade. A partir dela, Esposito extrai dois importantes radicais, *cum* e *múnus*. *Cum* revela a presença incontornável de um outro (um além de mim); no segundo radical (*munus*), o teórico localiza três significados possíveis: *onus*, *officium* e *donum*. Chama-lhe atenção o fato de *donum* (dom) pertencer a um mesmo conjunto semântico que indica dever, dívida, obrigação, ou seja, laços diversos (mas também contraditórios!) de comprometimento e interação.

Em estudos importantes, Nancy (1986) e Agamben (1993) partilham da tese de que a comunidade se revela como “potência de realização”. Assim sendo, a comunidade se configura como relação descontínua que rompe a cadeia de fechamento (*in-munus*), de extrema individualização, conduzindo o sujeito para experiências nos âmbitos relacional e coletivo.

Nessa perspectiva, dirá Nancy (1986):

comunidade é o nada ou o vazio, algo dessubstancializado, é a reunião de “seres-com”, seres esvaziados. Trata-se de um espectro ou “fantasma” que nos informa que algo nos falta, que não somos seres completos e autossuficientes ou que o ser, para sê-lo, deve, necessariamente, ser “com”. O fato de todos possuímos um vazio comum e originário é o que nos movimenta, nos impele à relação ou à vinculação, permite-nos a consciência de si.

Esta visão distingue-se, e almeja ser uma alternativa contrária, ao constructo teórico que reduz o “ser” da comunidade ao modelo atomista que tem no indivíduo (nos pactos entre “átomos”, mas também no solipsismo) o seu ponto de partida e de chegada. Para Nancy (1986), é o “nada” ou o “vazio”, e não qualquer substância (atomística!), o que há de comum na comunidade. O fato de todos os sujeitos possuírem um vazio comum e originário é o que os movimenta, os impele à relação ou à vinculação, permitindo a todos a “consciência de si”. Desta forma, as pessoas não são unicamente “seres” a imagem e semelhança de substâncias individuais redutoras, que se definem única e exclusivamente a partir de si mesmas, mas “seres-com” (a partícula “-com” é aquilo que “desestabiliza o ser”). Isso porque, as pessoas não são seres isolados, mas sempre sujeitos em relação. De certo modo, a comunidade, para Nancy, é a reunião destes “seres-com”, seres “esvaziados”. Nesse desenvolvimento reflexivo chegamos à conclusão que, enquanto espectro, forma ou potência, a comunidade não pode ser captada, analisada, decomposta, enfim estudada, como categoria metafísica (individual ou não) senão como experiências entre “seres-com”.

De passagem, cabe citar também o alerta do sociólogo polonês Zygmunt Bauman que, no livro **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual** (2003), ao indicar mais desdobramentos da “modernidade líquida”, releva que o extremo individualismo da contemporaneidade não extinguiu a necessidade das pessoas vivenciarem, num certo nível, a experiência comunitária. Ou seja, apesar da crise das comunidades os sujeitos ainda anseiam por vivenciar experiências de pertencimento a um grupo, o que permite, dentre outras coisas, uma sensação de segurança ante o estado de permanente insegurança vivenciado em nosso mundo atual, profunda e dramaticamente marcado/ordenado pela lógica da extrema concorrência entre indivíduos.

Assevera Bauman (2003, p. 60):

“Por mais que prezem sua autonomia individual, e por mais confiança que tenham em sua capacidade pessoal e privada de defendê-la com eficiência e dela fazer bom uso, os membros da elite global por vezes sentem necessidade de fazer parte de alguma coisa. Saber que não estamos sós e que nossas aspirações pessoais são compartilhadas por outros pode conferir segurança”.

2.1 INOVAÇÕES SOCIAIS DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

Tradicionalmente, a inovação tem sido vinculada ao ganho econômico e à obtenção do lucro. Mais recentemente, entre as décadas de 1960 e 1980 do século XX, as problemáticas mais relevantes diziam respeito também a aprendizagem (ensino e formação) e ao emprego (organização do trabalho). Mais tarde, a partir dos anos 1980, sendo retomadas mais vivamente concepções schumpeterianas, como a que sustenta que “novas combinações” permitem a obtenção de lucros extraordinários, passa a abranger de modo mais expressivo o campo das políticas sociais e do ordenamento do território, relacionados ao reforço da competitividade das empresas e dos territórios, com enfoque tecnológico. Contudo, como indicado anteriormente, perspectivas mais recentes distinguem claramente a inovação social da tecnológica, atribuindo-lhe uma natureza não mercantil, um carácter coletivo e a intenção de gerar, dentre outros aspectos, autonomia dos distintos atores nas relações sociais inclusivas.

Se coadunam com esta perspectiva da inovação social, importantes iniciativas promovidas por organizações da sociedade civil que visam o combate às diferentes formas de exclusão social. Apesar de existirem distintas concepções de inovação social, é unânime entre os teóricos que se dedicam ao estudo da área que, em linhas gerais, as inovações sociais se constituem em processos que se desenvolvem, geralmente, fora do âmbito do mercado e que objetivam prioritariamente à inclusão social – para tanto, propõem respostas novas, e que ganham reconhecimento social, na intenção de gerar transformações na sociedade que viabilizem a redução dos níveis de vulnerabilidade dos mais empobrecidos por meio do seu empoderamento e emancipação.

Esta visão da inovação social conduz a uma redefinição do modelo de gestão. Até porque, pressupostos funcionalistas e gerencialistas pouco acrescentam aos modelos de gestão que anseiam inovar socialmente. Assim sendo, inovações sociais podem ocorrer intencionalmente ou emergir de um processo de mudança social sem planejamento prévio. E mais, inovações sociais podem ocorrer em três níveis: a) dos indivíduos, b) das organizações e c) das instituições. Explicando melhor: a) são indicadores de inovação social dos indivíduos: práticas relevantes para o desenvolvimento de autonomia, corresponsabilidade, participação de sujeitos e populações excluídos que gerem aumento de suas qualidades de vida; b) são indicadores de inovação social nas organizações: estruturas organizacionais e de governança que promovam formas de divisão e coordenação do trabalho democráticas e que favoreçam aprendizagem e autonomia; c) são indicadores de inovação social nas instituições: mudanças nos ambientes legal, político, social e econômico que favoreçam a universalização de direitos, o surgimento de legislações articuladas ao preceito da equidade, etc. com os quais seja possível promover a inclusão social e defesa dos menos favorecidos (BIGNETTI, 2011).

Nas palavras de Cloutier (2003), a inovação social se apresenta como uma resposta nova a uma situação social julgada não satisfatória e visa ao bem-estar dos indivíduos e das coletividades através do atendimento a necessidades como saúde, educação, trabalho, lazer, transporte e turismo. As estruturas excludentes pelas quais processos racionalizantes se consolidam, como práticas institucionais diversas, são postas em xeque por iniciativas criativas e inauditas de gestão inovadora social que põem em relevo oprotagonismo, a

participação, o poder de decisão e, assim, a autonomia dos distintos atores sociais na consecução das práticas transformadoras.

Uma vez que as estruturas existentes se mostram incapazes de combater os problemas oriundos das desigualdades sociais, a saber, as questões que implicam os níveis de sustentabilidade social, as mudanças climáticas, a epidemia mundial de doenças crônicas, o analfabetismo etc., crescem iniciativas, por parte das organizações da sociedade civil, com a intenção de propor novos modos de relacionamento com o Estado e o mercado. (MURRAY et al, 2010). Dessa forma, na relação com o poder público e organizações privadas, a inovação social se desenvolve pela participação ativa dos beneficiários e dos atores de comunidades durante todo o projeto. Trata-se de um processo de construção social, de geração de soluções dependente, sobretudo, da trajetória que está sendo construída. A concepção, o desenvolvimento e a aplicação estão intimamente imbricados, e são realizados, por meio da relação e da cooperação entre todos os atores envolvidos. Dito de outro modo, é um processo de aprendizagem coletivo, que se baseia no potencial dos indivíduos e dos grupos, que adquirem as capacidades necessárias para realizar as transformações sociais com a participação ativa de todos os envolvidos (CLOUTIER, 2003). E mais, pensada nessa perspectiva a inovação social procura criar condições para a emancipação dos beneficiados de modo a que estes possam assumir com autonomia suas responsabilidades nos projetos, bem como nos demais espaços de interação e ação.

Bignetti (2011) dá ênfase ao caráter relacional das iniciativas que inovam socialmente ao destacar a íntima conexão que se estabelece entre estas e os atores sociais, em face da busca pela consecução dos objetivos. Cabe destaque que, com relação aos *atores*, a inovação social se desenvolve através de uma diversidade de intervenientes, entre eles empreendedores sociais, agentes governamentais, empresários e empresas, organizações não governamentais, trabalhadores sociais, representantes da sociedade civil, movimentos, comunidades e beneficiários.

Com base no que foi indicado até o momento, é possível inferir que a inovação social busca criar condições para maior satisfação das necessidades humanas ao propor alternativas a problemas sociais tantas vezes negligenciados nas esferas pública e privada. Visa, portanto, com projetos e o envolvimento comunitário: promover inclusão social; resistir e desconstruir processos de exclusão/marginalização social; gerar condições para o empoderamento das pessoas em situação de vulnerabilidade social; emancipação de agentes, de atores diversos.

3 METODOLOGIA

Considerando a questão norteadora e os objetivos propostos para o desenvolvimento dessa pesquisa, realizou-se: uma investigação qualitativa, exploratória e descritiva, um estudo de caso no Centro Educacional Marista Lucia Maryvorne.

A unidade de análise contempla o Projeto Centro Educacional Marista Lucia Maryvorne. Este teve seu início em 06 de Janeiro de 2012, na Comunidade do Mont Serrat, localizada na região conhecida como Morro da Cruz. O projeto propõe educar por meio da alfabetização e formação formal continuada. Nesse processo, visa subsidiar o protagonismo dos membros da comunidade, buscando o fortalecimento da cidadania e dos valores solidários, com o objetivo de promover novos cenários de formação, ação e participação para crianças, jovens e suas famílias. O Estudo foi desenvolvido no período de 22 de Abril à 15 Julho de 2015.

Atendendo atualmente cerca de 550 crianças e adolescentes, o projeto conta com 110 colaboradores diretos.

A intenção deste estudo foi inventariar a prática comunitária articulada ao projeto educacional e, nesse intento, realizou uma investigação qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. A coleta de dados se deu através de dados primários e secundários. A amostragem

baseou-se na decisão dos pesquisadores, configurando-se numa amostragem não probabilística por acessibilidade. A pesquisa ocorreu em forma de questionários aplicados a 12 colaboradores, como também com entrevistas por meio de gravação em áudio e transcritas na íntegra. Todas foram autorizadas – pelos cinco pais de crianças e adolescentes participantes do projeto.

Com o propósito de responder à questão de pesquisa estabelecida neste artigo, foram empregadas as estratégias de pesquisa bibliográfica, o estudo de caso único e de natureza exploratória e a pesquisa documental, utilizando como fonte de evidência a elaboração de uma entrevista semiestruturada, além da observação participante, como fonte adicional de evidência (MARTINS, THEÓPHILO, 2009; YIN, 2010).

Segundo Yin (2010), a necessidade de se compreender fenômenos sociais complexos faz do estudo de caso a estratégia de pesquisa adequada para uma investigação que preserve as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Por este motivo, foi escolhido o estudo de caso, por tratar-se de observação empírica.

Baseando-se nas orientações de Martins e Theóphilo (2009), a pesquisa bibliográfica também figura entre as estratégias adotadas no artigo, pois ela possibilita embasamento teórico e rigor analítico ao processo investigativo.

Como fonte de evidência, utilizou-se das técnicas de entrevista semiestruturada e observação. Em relação à primeira, foram coletadas informações por meio de entrevistas semiestruturadas, com questões abertas, para obter informações de usuários envolvidos no projeto, visando a confiabilidade das informações observadas e aqui relatadas, seguindo as orientações de Martins e Theóphilo (2009).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a educadora social – norteadas por instrumento próprio. As entrevistas foram registradas por meio de gravação em áudio e transcritas na íntegra. Ainda foram aplicados questionários aos alunos participantes do Projeto – norteados por instrumento composto de questões.

A análise dos dados foi realizada paralelamente à coleta. Nessa análise, as triangulações e os encadeamentos de evidências, (observações, entrevistas) visaram propiciar robustez, confiabilidade e validade aos achados da pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção descreve-se os resultados do estudo de caso de acordo com a pergunta de pesquisa: é possível afirmar que a prática comunitária no Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne é uma inovação social?

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS E QUESTIONADOS.

Esse procedimento se dá por meio da descrição dos dados obtidos através de entrevistas e questionários, buscando alinhar as respostas aos conceitos desenvolvidos na revisão da literatura.

Foram aplicadas 05 entrevistas com pais de alunos e 12 questionários com colaboradores, sendo eles: professores, coordenação, assistente social, bibliotecária, zeladora, cozinheira, secretária e auxiliar administrativo do Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne. Também foram entrevistados outros dois atores envolvidos com a execução do Projeto: a Coordenadora Pedagógica e a Coordenadora Geral.

Entre os entrevistados estão: pais dos alunos e colaboradores do projeto, 29,41 %, que apresentam idade entre 31 a 35 anos; 23,53%, com idade entre 26 e 30 anos e 23,53%, que relatam ter idade acima de 41 anos. Os resultados evidenciam que a grande maioria dos pais entrevistados e dos colaboradores questionados possuem idade acima de 26 anos. Especificamente com relação aos pais, evidencia-se que estes tiveram seus filhos bastante

jovens, portanto mais cedo que a média comparada com outras famílias de realidades econômicas superiores.

Em relação a escolaridade, 23,54% dos questionados e entrevistados possuem o ensino superior completo. Já 17,66% estão cursando o ensino superior e 11,76% possuem pós-graduação completa, ensino médio completo ou ensino médio incompleto. E 5,88% afirmaram ter cursado mestrado e estar cursando atualmente pós-graduação ou ter o ensino fundamental incompleto. Também 5,88% afirmaram ter concluindo apenas o ensino fundamental. Observa-se, com base nas evidências, a expressiva qualificação dos profissionais que atuam no projeto. Infelizmente observou-se, através dos entrevistados, baixa escolaridade das famílias. Este dado é claramente ligado a precariedade da situação socioeconômica que esses sujeitos vivenciam. No entanto, este ponto não reduz nas crianças e adolescentes o reconhecimento de que o aperfeiçoamento, por meio da educação, pode ser um condutor para alcançarem um futuro melhor.

Sobre o tempo de participação no projeto analisou-se que 47,06% das crianças já participam há mais de três anos e seis meses, ou seja, desde de seu surgimento. Quanto a atuação dos profissionais, de acordo com repostas dos 12 questionários, mas também conforme a primeira entrevista concedida pela coordenadora do projeto, constatou-se uma expressiva rotatividade devida, sobretudo, as características e contextos locais. O Centro Educacional Marista Lucia Mayvorne está inserido num contexto bastante desafiador, numa comunidade que sofre e é abalada por problemas como o desemprego, a violência urbana e doméstica, os efeitos nefastos do narcotráfico e questões estruturais de saneamento básico e precariedade nas condições de moradia.

Na seção seguinte será apresentada a caracterização do projeto social Centro Educacional Marista Lucia Mayvorne. Uma análise pautada na caracterização e uma breve apresentação da instituição, bem como dos seus principais princípios orientadores.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO SOCIAL

O CEMLM foi fundado em 06 de Janeiro de 2012, localizado na parte insular do Município de Florianópolis, em uma região da cidade denominada Maciço do Morro da Cruz, mais especificamente na Comunidade do Monte Serrat, Rua General Vieira da Rosa, nº 1050, Centro, município de Florianópolis – SC. Suas atividades são desenvolvidas no espaço físico da antiga Escola Estadual Lúcia do Livramento Mayvorne. Grande parte dos estudantes da comunidade do Monte Serrat e também da comunidade próxima, Alto da Caieira, estão matriculados no CEMLM. Este funciona em uma parceria entre o Governo do Estado de Santa Catarina e a Congregação dos Irmãos Maristas. O Centro Educacional oferece para as crianças e adolescentes do Monte Serrat e do Alto da Caieira, educação gratuita e em período integral.

Além do Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio noturno, para as crianças que estudam do 1º ano até o 5º ano, é oferecido período integral na Escola no qual são desenvolvidas atividades socioeducativas como: oficinas de teatro, informática, artes plásticas, capoeira, jogos cooperativos e literatura. Segundo o relato da coordenadora, o projeto acontece em dois espaços: alfabetização, na antiga Escola Lúcia Mayvorne e o contra turno, que são de atividades oferecidas nos espaços socioeducativos... ” Acrescenta: “No contraturno, a gente oferece linguagem de meio ambiente, informática, teatro, artes plásticas, circo, no Alto da Caieira, ou seja, educação integral, onde essas crianças estudam de manhã e à tarde vão para o contra turno e assim sucessivamente para as crianças que estudam a tarde e no período de manhã ficam no contra turno no Alto da Caieira...”. Portanto, as atividades acontecem em dois espaços, na comunidade Monte Serrat e na do Alto da Caieira. Situado no interior das comunidades, e procurando articular-se cada vez mais a elas, o projeto, calcado em ações formativas e educativas, procura pensar a vida comunitária e seus desafios

articulando os conteúdos com a realidade vivenciada no dia a dia na região do Maciço do Morro da Cruz. Assim, a participação dos diversos segmentos da comunidade, procurando articular o currículo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, é também manifestação da interdisciplinaridade e, por meio dela, dá-se a inclusão dos temas transversais nas diversas disciplinas, com o intuito de estreitar os laços entre a Instituição e a comunidade atendida.

4.3 CEMLM COMO PRÁTICA COMUNITÁRIA

O Centro Educacional Marista Lucia Mayvorne está inserido em um contexto de grandes desafios sociais que implicam e envolvem a comunidade como um todo. Como dito, o desemprego, as formas de violência, o narcotráfico, a precariedade das estruturas de saneamento básico e moradia, figuram como alguns dos grandes problemas que obstaculizam o desenvolvimento comunitário. Cabe destaque, aqui, que o projeto educacional ora estudado é também uma forma de reação as carências no âmbito da educação formal. Contudo, a mesma comunidade expressa sinais de resistência aos entraves do seu desenvolvimento como, por exemplo, a ação das mulheres (gestoras de suas profissões, casas e famílias), o envolvimento dos membros da comunidade em ações reivindicatórias junto aos poderes instituídos, entre outras. Nas palavras da Coordenadora Geral: “O foco de projeto é oferecer educação pautada na emancipação humana, educação esta articuladora de diferentes dimensões da vida social como constituídas de novas formas de sociabilidade humana, nas quais o acesso aos direitos sociais é determinante”.

Cotejando com proposições sobre comunidade, já expressas nas reflexões de Nancy (1986), Agamben (1993), Bauman (2003) e Espósito (2007), mas sem negar suas diferenças e especificidades, é possível dizer que os educandos do CEMLM, e seus familiares, vivenciam experiências de articulação coletiva (como práticas cognitivas, econômicas e ético-políticas) que se potencializam e se renovam no sentimento de pertencimento ao grupo personificado na comunidade. Aliás, o conceito pedagógico do projeto está centrado no “vir a ser” dos educandos – o desenvolvimento da potência comunitária apresenta-se como um desafio educacional e elo transformador da realidade. Conforme o relato da Coordenadora Pedagógica: “... E tem toda a história do Marcellin Champagnat¹ que é o fundador né... que o objetivo dele era justamente isso, era através do conhecimento libertar as pessoas da sua miséria seja ela sua miséria social ou sua miséria moral que é também um pouco da proposta de Jesus. Isso é algo muito presente na nossa escola assim... então não é só o simples fato de estar aqui e fazer uma assistência no sentido de assistir as necessidades sociais dessas famílias, e dessas crianças, mas é que também através da assistência a gente possa ir muito além que é essa liberdade, essa autonomia, e essa capacidade de transformação, acho que é importante...”. Outro relato dirá: “... A gente acredita que uma pessoa só pode transformar uma realidade se ela teve a oportunidade de conhecer outras... entende não tem como eu me interessar por alemão, por exemplo, se eu nunca ouvi uma pessoa falar em alemão... se eu não sei nada da cultura alemã, como? Como que eu vou gostar de piano se eu nunca ouvi piano na minha vida? Se eu não tive está experiência, se eu não tive acesso a isso, então a gente entende que a educação a escola ela tem que ser este espaço onde essas crianças e jovens vão vivenciar outras possibilidades de vida, de mundo de relacionamento com o outro, e é um pouco esse que a gente tenta fazer aqui... proporcionar novas experiências, novas vivências acima de tudo dar acesso...”.

Em resumo, ante os difíceis desafios o projeto educacional envolve e é envolvido pela comunidade, o que permite encontrar alternativas de enfrentamento numa proposta inovadora de educação inclusiva e comprometida com a transformação social. A construção da

¹ (1789-1840) fundador do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria e das Escolas Irmãos Maristas.

emancipação se dá na interação entre todos os atores sociais envolvidos que, no processo educacional e na vida comunitária, constroem estados de liberdade e autonomia social.

4.4 LIMITES E POSSIBILIDADES DO PROJETO CELM

As possibilidades do projeto em estudo são definidas como o resultado do conhecimento aplicado as necessidades sociais, através da participação e da cooperação dos atores envolvidos, gerando soluções positivas, novas, duradouras e emancipadoras para grupos sociais, comunidades enfim para sociedade de modo geral.

A partir dos relatos e respostas destacam-se como possibilidades do Projeto: a formação continuada; escuta e acolhimento; qualidade da estrutura, interação entre a comunidade escolar e o resto da comunidade, a assistência social, encaminhamento dos adolescentes ao primeiro emprego, encaminhamentos jurídicos relacionados aos direitos das crianças e adolescentes. Enfatiza-se, pois, alguns relatos: “Os alunos de 1 a 5 ano estão o dia inteiro na escola. Um período no ensino regular e outro período têm as oficinas: circense, artes... É positivo, pois as famílias podem trabalhar tranquilas enquanto as crianças estão na escola. Os alunos de 6 a 9 ano no período que estão estudando tem algumas atividades: aulas de música, letramento, robótica.” Colaborador do CEMLM. “A vivencia democrática, espaços de participação, a acolhida a fim que haja um processo de ensino aprendizagem afetivo.” Colaborador do CEMLM. “... promoção da cidadania por meio da educação, positivo porque promove a geração de oportunidades para jovens que de outra maneira seriam empregados como mão de obra barata, pelo mercado de trabalho informal e pelo crime organizado.” Colaborador do CEMLM.

Algumas limitações, conforme o relato de entrevistados e questionados, estão relacionadas a distância física entre os prédios da escola e do contra turno, que traz consequências a comunicação interna entre os colaboradores do projeto, o que gera uma descontinuidade do processo pedagógico. Há ainda a necessidade de mais espaços de treinamento para os profissionais, de estratégias para superar preconceitos que afastam outros setores da sociedade em relação ao espaço físico da comunidade e também mais apoio estatal que gere melhor estrutura em torno dos espaços físicos nos quais o projeto é desenvolvido. E mais, há limites importantes que obstaculizam, em alguns momentos e eventos, a participação mais efetiva dos pais dos alunos.

De forma pontual, destacamos o relato da Coordenadora Geral: “Inúmeras dificuldades... no início tivemos bastante dificuldades até hoje vivenciamos isso, preconceito por partes de até mesmo de fornecedores, para contar os funcionários, a rotatividade de colabores ainda é bastante grande, a pessoa tem preconceito, e algumas realmente não tem o perfil e não desenvolve esse perfil para atuar com essas realidade e situação local. Ainda enfrentamos dificuldades em contatar fornecedores” e do Colaborador do CEMLM: “não vejo nada de negativo. Mas vejo como desafios a criação da cultura escolar na comunidade.”.

4.5 A PRÁTICA EDUCACIONAL DO CEMLM É UMA INOVAÇÃO SOCIAL?

Ao analisar o constructo teórico com base, primeiro, no conceito de Cloutier (2003) vê-se que uma inovação social pode ser: uma resposta nova para uma situação social considerada insatisfatória, buscando o bem-estar dos indivíduos e das comunidades. Nas entrevistas e questionários realizados no CEMLM, várias afirmações e relatos convergiram para esta perspectiva de inovação social. O CEMLM surge no bairro de Monte Serrat, justamente quando a rede sócio-assistencial apresenta grande fragilidade no atendimento da população, não possuindo equipamentos sociais públicos e/ou parcerias que dêem conta da demanda em função de uma necessidade local ao acesso a escolarização e falta de condições da antiga escola estadual. A partir desta realidade, o Padre Wilson Groh, pároco da comunidade, idealizou o Projeto juntamente com os irmãos Maristas, as lideranças

comunitárias e o Governo Estadual; nesta parceria, o governo cedeu o espaço físico e, inicialmente, custeou as contas de água e energia elétrica. Hoje, todo custo do projeto é mantido exclusivamente pelo grupo Marista. O objetivo principal do projeto é “oferecer educação pautada na emancipação humana...” educação está articuladora de diferentes dimensões da vida social como constituídas de novas formas de sociabilidade humana, nas quais o acesso aos direitos sociais é determinante”. Coordenadora Geral

As condições em que surge o projeto estão também relacionadas à conceituação de Bignetti (2011), que destaca que, com relação aos *atores*, a inovação social se desenvolve através de uma diversidade de intervenientes, entre eles empreendedores sociais, agentes governamentais, empresários e empresas, organizações não governamentais, trabalhadores sociais, representantes da sociedade civil, movimentos, comunidades e beneficiários; de Lévesque (2002), que se refere às novas formas de intervenção que organizações sem fins lucrativos, as organizações da economia social e/ou da sociedade civil organizada como inovadoras, porque reúnem fatores produtivos diversos, têm foco em iniciativas associativistas e cooperativas locais, incluem os próprios usuários dos serviços nos processos de trabalho e estabelecem relações sociais voltadas para maior qualidade de vida.

Visando melhor nuançar importantes características da inovação social, enfatiza-se agora as abordagens de Cloutier (2003) e Murray et. Al (2010), que destacam a dimensão participativa do indivíduo e grupos. Ou seja, num processo de construção social inovador, de aprendizagem coletiva, baseado no potencial de indivíduos e grupos de conduzirem (concomitantemente como participantes, geradores e condutores) sua própria história – ao constituírem capacidades necessárias para realizar as transformações sociais e mudanças duradouras – agem como sujeitos promotores de formação de novas interações e relações sociais emancipadoras.

Neste sentido, o caráter inovador do Projeto é constatado desde a análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP) em que está descrito como objetivos principais do CEMLM: Oferecer uma Educação Evangelizadora, na qual estão articulados os conceitos de fé, cultura e vida, auxiliando no desenvolvimento da consciência crítica dos educandos, para que juntos alcancemos, entre outros, a possibilidade de construir uma sociedade mais fraterna; - Abrir novos espaços de participação e expansão de iniciativas que integrem escola-família-comunidade, capazes de propiciar a vivência democrática, espaços de participação e um processo permanente de discussão, reflexão do processo ensino-aprendizagem. “A fim de que haja a integração das ações determinadas pelo coletivo escolar, proporcionando a melhoria nos aspectos: físico, didático-pedagógico e administrativo, para um processo de ensino-aprendizagem efetivo.” O documento ainda aborda os princípios pedagógicos do projeto que incluem a compreensão do homem como um ser social, vocacionado à liberdade e à transcendência; como um agente-sujeito da história e a história como um fenômeno dinâmico. E, como objetivos da prática pedagógica: Aculturar propiciando a descoberta de si mesmo como pessoa que se plenifica ao longo da existência; Orientá-lo na construção de uma sociedade justa e solidária, pelo exercício esclarecido, livre e responsável da cidadania; Prepará-lo para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos;- Fomentar os valores cristãos numa visão ecumênica, respeitando as distintas opções religiosas;- Subsidiar a discussão acerca dos direitos e deveres dos grupos que compõem a sociedade;- Despertá-lo para a preservação do meio-ambiente;- Auxiliá-lo em seu desenvolvimento integral; Todos estes aspectos permeados por uma formação continuada dos colaboradores, especialmente Professores, como uma conquista diária de posturas fundamentadas na criticidade, autonomia, interdisciplinaridade e na apropriação teórico-metodológica do projeto educativo Marista. (CENTRO EDUCACIONAL MARISTA LUCIA DO LIVRAMENTO, 2014).

Por meio das entrevistas e questionários com colaboradores e pais de alunos envolvidos no Projeto confirmamos a prática descrita anteriormente:” A gente espera que eles

saiam daqui aprendendo a pensar, aprendendo a se perceber a si próprio, e ao seu entorno de seu território, a gente espera que ele saia daqui, que ele tenha possibilidades de escolhas, ele pode querer não fazer uma universidade como ele pode querer fazer e a gente espera que ele saia daqui sabendo que ele tem direito, que ele possa fazer a escolha e ele tem que ter acesso a isso, e fazer com o que o seu entorno favoreça a isso, ele também pode ser um bom mecânico de carro, por exemplo, desde que ele seja uma pessoa boa, susta, ética, uma pessoa que vai ficar bem com sua família, nessa perspectiva.” Coordenadora Geral.

Ainda na perspectiva de inovação social na dimensão da emancipação e desenvolvimento dos sujeitos, cabe destaque, entre os questionários com os colaboradores educandos, palavras de ordem que aparecem repetidas vezes nas respostas: protagonismo, autonomia, projeto de vida, solidariedade, autovalorização, oportunidades, respeito à diversidade, autoestima, garantia de direitos, sujeito integral, ampliar horizontes, subjetividades, emancipação, empoderamento, conhecimento dos problemas socio-políticos, igualdade de oportunidades, o respeito à diversidade, desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, fazer escolhas, protagonismo social, liderança. Tais palavras se contextualizam nos seguintes relatos ao se perguntar o que se espera do educando no projeto: “Sejam cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres. Que exerça sua cidadania, que busque a conscientização de seus sonhos e planos”! Colaborador do CEMLM. “Espera-se protagonismo na sociedade, continuidade nos estudos, desenvolvimento moral, ampliação do leque de oportunidades, reconhecimento de suas potencialidades. Promoção da justiça e da paz.” Colaborador do CEMLM. “... ela passou a ter mais responsabilidade, ela passou a ter mais eh... negócio do valor mesmo... ela um dia chegou pra mim e disse: mãe vamos fazer uma assembleia? E eu disse: como vamos fazer uma assembleia só eu e você? Não, tem coisas aqui em casa que eu não estou satisfeita e eu aprendi no Colégio que a gente tem que sentar e conversar numa assembleia, aí sentou eu e ela para fazer uma assembleia e ela com uma folha com a pauta... então é coisa que o Colégio ensina ela a fazer... incentivo ao diálogo e hoje em dia a gente não tem mais isso.” Mãe de aluna.

Destaca-se também um aspecto bastante relevante, e que pode ser cada vez mais considerado no constructo da inovação social, que é a transitoriedade dos próprios projetos. Até porque, o seu objetivo maior é a independência, a transformação dos sujeitos individuais e coletivos. Tendo em conta que a história constituída pelos distintos agentes sociais é um processo dinâmico: “Mas o mais importante pra nós... que é o nosso foco... nosso objetivo maior... é essa transformação social. É que essas pessoas se empoderem de tal forma que elas possam ser os próprios agentes da sua transformação... por isso assim o nosso trabalho aqui na comunidade e é também a proposta do grupo marista é muito de... a gente sabe que a gente é transitório, a gente é temporário nessa comunidade... no entanto o que fica é a obra. É o trabalho que a gente desenvolve... e esse trabalho tem que ser tão bem desenvolvido... a ponto que o grupo Marista saia daqui enquanto grupo, enquanto instituição e esses valores, essas transformações permaneçam neste espaço... Tem uma proposta bem desprendida aí... e eu acho que tudo isso que eu falei tem a ver com essa questão desse homem, dessa autonomia dessa liberdade... desse ser social e aí a história está o tempo todo... ela é muito dinâmica... são como eu estou dizendo... a gente faz parte... a gente não é a história...” Coordenadora Pedagógica.

Diante desta análise e considerando o objetivo multidimensional da inovação social, parece ficar claro que o projeto e a prática comunitária (sem desconsiderar seus limites, mas destacando suas potencialidades) são exemplos de inovação social, na medida em que são satisfeitos os três requisitos fundamentais: a satisfação de necessidades humanas; a promoção da inclusão social e a capacitação dos beneficiários desencadeando mudanças nas relações sociais e de poder. As ações do CEMLM estão solidificadas na inclusão escolar, apoio à

qualificação, visando, através de novas experiências, a construção dos projetos de vida das pessoas em situação de vulnerabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar o CEMLM pela ótica dos constructos teóricos da Inovação Social, dando ênfase também a ideia de prática comunitária. Este estudo, embora em sua fase inicial, procura indicar vários elementos relevantes sobre a interface entre comunidades e inovação social.

Como revela a questão de pesquisa, a investigação consistiu em inquirir se é possível afirmar que a prática comunitária no Centro Educacional Marista Mayvorne é uma inovação social. As evidências encontradas diante dos dados analisados levam a considerar que, em grande parte, as características do Projeto aderem aos conceitos de inovação social, pois através da prática comunitária criam-se condições para o fomento da emancipação individual e coletiva subsidiada pelo projeto educacional-social. Assim, este viabiliza elementos significativos que auxiliam no empoderamento dos sujeitos no meio comunitário. Pode-se asseverar, então, que o projeto é uma inovação social que permite o desenvolvimento de potencialidades diversas que podem contribuir na consolidação da autonomia (profissional, política, ética e econômica) dos novos sujeitos sociais.

Mediante aos objetivos propostos no início desse estudo e a comparação e análises da apresentação dos dados obtidos, observou-se que os mesmos atende positivamente suas propostas.

No contexto da inovação social identificou-se que o projeto proporciona empoderamento para os diferentes atores sociais, pois é um espaço de convivência, formação para a participação e cidadania, que vem desenvolvendo o protagonismo e a autonomia na busca pelo fortalecimento da cidadania e valores solidários, com o objetivo de promover novos cenários para as infâncias e juventudes, e propiciar a esses atores envolvidos um futuro mais favorável, onde os mesmo sintam a necessidade de ir atrás de se seus sonhos e reivindiquem seus direitos de cidadãos.

No que se refere a verificação das práticas comunitárias, foi constatado que o projeto se concebeu pela a ação comunitária: ação social e solidária de indivíduos que vivem em situação socioeconômica precária. Em maior ou menor intensidade, participam também do projeto: lideranças locais, o seu idealizador e o governo.

Quanto a identificação das possibilidades e limitações do projeto foi constatado que: positivamente o Projeto proporciona a formação continuada; escuta e acolhimento; qualidade da estrutura, interação entre a comunidade escolar e o resto da comunidade, a assistência social, encaminhamento dos adolescentes ao primeiro emprego. A vivência democrática, espaços de participação, a acolhida a fim que haja um processo de ensino aprendizagem afetivo, a promoção da cidadania por meio da educação promovendo a geração de oportunidades, as práticas dos contra turnos oferecendo educação integral tirando as crianças e adolescentes das ruas e o preparando para um futuro promissor.

As limitações se referem a distância física entre os prédios da escola e do contra turno, o turnover de colaboradores, a pouca abrangência do projeto, o pouco apoio estatal em iniciativas, uma restrita participação dos pais dos alunos em alguns eventos e algumas dificuldades em contatar fornecedores.

Entende-se como principal contribuição prática e teórica deste estudo, a abertura do campo de pesquisa em um tema que reflete a limitação da pesquisa acadêmica brasileira nesta área de conhecimento, suscitando novas construções e definições para a combinação desses temas.

De fato, a inovação social pressupõe uma gênese e um envolvimento multidirecional possibilitam a introdução de conceitos advindos de outras áreas de estudo e, até, de outras disciplinas.

Uma das limitações desta pesquisa se deu no que justamente se configurou em um dos pontos negativos que foi a restrita participação dos pais na construção dos dados a serem analisados (entrevistas). Percebe-se, também, a necessidade de uma maior clareza conceitual e definições comuns. Tal estágio de maturidade no campo da pesquisa sobre inovação social possibilitaria a elaboração de mais estudos de caso, bem como de melhores análises do processo de inovação, contemplando que são os agentes e beneficiários do processo, além de uma melhor articulação com outras disciplinas, bem como a investigação sobre algumas das particularidades da inovação social, entre essas, houve também a limitação de reportar a sintonia dessas duas temáticas, devido ao pouco material disponível norteado sobre a ligação desses temas.

Dessa forma, estudos mais amplos realizados no âmbito dos projetos sociais e no interior de diferentes programas por eles conduzidos, poderiam gerar um corpo de proposições consistentes para o entendimento de como se processam as inovações sociais, com conceitos de comunidade contribuindo, portanto, para a solidificação de uma ainda incipiente abordagem sobre o engajamento dos temas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **A comunidade que vem**. Trad. Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BIGNETTI, L.P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1. (2011)
- CENTRO EDUCACIONAL MARISTA LUCIA DO LIVRAMENTO. **Projeto Político Pedagógico**, 2014.
- CLOUTIER, J. **Qu'est-ce que l'innovation sociale?** Cahier de recherche du CRISES, n. ET0314, Montreal: UQAM, 2003.
- ESPÓSITO, R. **Communitas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- TÖNNIES, F. **Einführung in die Soziologie**. F. Enke, 1965.
- LÉVESQUE, B. Les entreprises d'économie sociale, plus porteuses d'innovations sociales que les autres? In: **COLLOQUE DU CQRS AU CONGRES DE L'ACFAS**, 2001, Montreal, Cahiers du CRISES, v. 0205, 2002.
- BUBER, M. **Sobre comunidade**. Editora Perspectiva, 1987.
- MARTINS, G.A.; THEÓPHILO, C.R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MULGAN, G. et al. **Social Innovation. What it is, why it matters and how it can be accelerated**. Oxford Said Business School - Skoll Centre for Social Entrepreneurship, 2007.
- MURRAY, R. et al. **The Open Book of Social Innovation**. London, NESTA/The Young Foundation. 2010.
- NANCY, J.L. **La communauté désœuvrée**. Paris: Christian Bourgois Editeur, 1986.

- NUNES, N. A. Agamben e o conceito de estado de exceção. **Revista de direito.** Florianópolis, n. 3, p. 201-207, jul/dez. 2007.
- NISBET, R. A. **The Questfor Community: A Study in the Ethics ofOrder and Freedom.** 1953.
- SCHUMPETER, J.A. **Teoria do desenvolvimento econômico.** Fundo de Cultura, 1961.
- PARSONS, T. **Politics and social structure.** Free Press, 1969.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Editora Martin Claret. 1973.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.